

Lixão familiar bem perto do poder

CÉLIO MESSIAS

A vista e a localização são privilegiadas. Cerca de 40 pessoas moram e trabalham há apenas 1,5 quilômetro da Esplanada dos Ministérios. Espremidos entre a miséria e o centro do poder de Brasília, 10 famílias construíram, ao longo de quase 20 anos, um lixão. Elas resistem às constantes tentativas do governo de esvaziamento da área.

O lixo recolhido nas ruas é levado diariamente para o terreno que fica logo abaixo dos anexos dos ministérios e ao lado da gráfica do Senado Federal. "Moro aqui há mais de 15 anos. Vim da Bahia em busca de uma vida melhor. Todos os dias me levanto cedo e recolho o lixo nas ruas. Trago para cá e começo a separar papéis, latas e papelão", explicou Viviane de Araújo, 25 anos.

Os quatro filhos de Viviane moram com ela e convivem com o lixo. "Eles nasceram no Cerrado (modo como ela e seus companheiros chamam o lixão) e estão crescendo nele. Não é a vida que eu queria para os meus filhos, mas eles já estão acostumados", disse. A criança mais nova, Jéssica, tem apenas sete meses de idade.

Com a venda do lixo reciclável eles ganham, em média R\$ 50 por semana. "Tem semanas que conseguimos mais. Já apurei R\$ 100", conta João Antônio da Silva, 19 anos. A coleta no local rende bem, já que os catadores aproveitam o lixo

dos ministérios e do Congresso Nacional. "O papel branco é o que vale mais. O quilo rende R\$ 0,25 centavos. E achamos muito no lixo dos prédios que ficam aqui perto", contou Maria do Socorro Celestino, 34 anos.

Maria nasceu na Paraíba e assim que chegou em Brasília foi para o lixão. "A minha tia já estava aqui. Por isso viemos para cá. Meus primos e tios também trabalham aqui, nós conhecemos todo mundo. Fica tudo em família", afirmou.

■ Papéis e latas

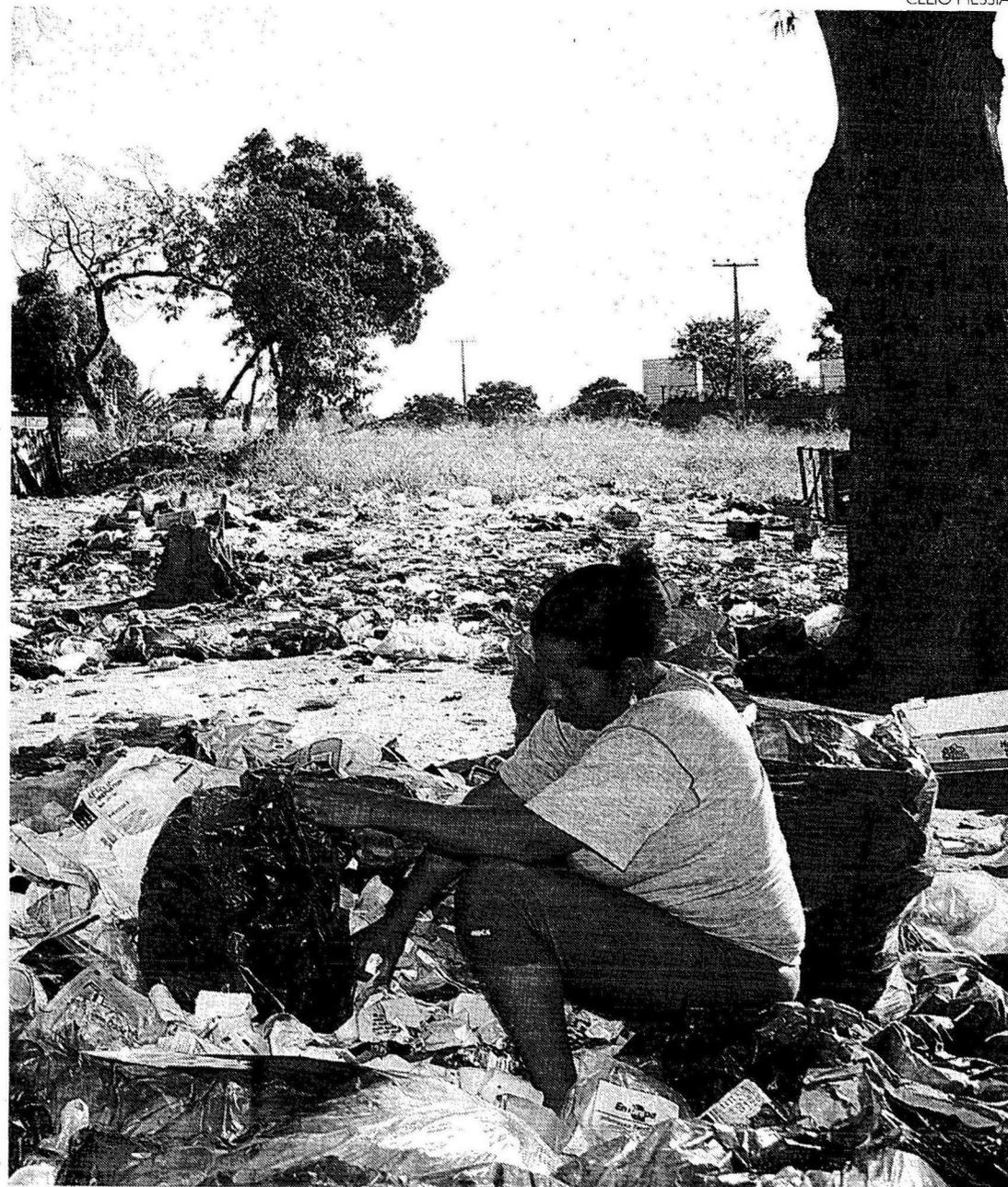
A filha de Maria também está no lixão. Enquanto a mãe separa latas e papéis a menina Melissa, de 6 anos, brinca com a prima Vitória, de 4 anos. "Ela está sempre comigo e sabe que o dinheiro que paga a comida vem daqui", ressaltou. A maioria dos catadores mora no lixão. Sem perspectiva de vida, criam seus filhos no meio dos restos. "Eu cheguei aqui com um ano. Vim com a minha mãe. Só estudei até a quarta série. A minha vida é o lixo", disse João Antônio.

Como as casas e o sustento dessas famílias dependem do lixão, a visita do Serviço Integrado de Vigilância ao Solo (Siv-Solo) é um tormento. "Eles sempre estão passando por aqui. Derrubam os nossos barracos e queimam o lixo. Não adianta. Não temos para onde ir. Eles nos mandam embora e nós voltamos para cá", ressaltou Viviane Araújo.

A apenas quatro quilômetros do "lixão familiar", outro local é usado por meninos de rua para catar lixo. Próximo à Universidade de Brasília (UnB), em direção ao Setor de Clubes Norte, quase 30 menores de idade dividem lona, mágoa e lixo. "Ainda bem que muitas pessoas ajudam a gente. Só temos isso para viver. Ninguém aqui tem pai e mãe que possa ajudar", lamentou E.J.S., 16 anos. A fiscalização também é um empecilho para os garotos. "Quando o Siv-Solo chega leva tudo o que a gente tem embora. E só o que temos é o lixo", afirmou E.

A Operação Brasília, uma parceria entre a Secretaria de Fiscalização de Atividades Urbanas (Sefau) e o Siv-Solo, foi montada para promover a retirada das pessoas que utilizam área pública de maneira irregular. "Ela acontece pelo menos três vezes por mês. A Sefau identifica os lugares e a nossa gestão de operação do Siv-Solo retira os invasores e limpa o lixo", explicou o capitão Albuquerque, agente do Siv-Solo.

Além disso, ele afirmou que é feito um cadastro para identificar e oferecer passagens, estadias em albergues e outros auxílios às famílias. "O GDF tem um compromisso com essas pessoas. Fazemos até a mudança deles, quando se prontificam a deixar os locais irregulares. O problema é que eles acabam voltando", lamentou o capitão.



■ MORADORES VIVEM DA CATA DO LIXO QUE É RECOLHIDO NO CENTRO DA CAPITAL DA REPÚBLICA